

# A Senhora Professora

Romance

# A Senhora Professora

**Título:** A Senhora Professora  
©2019 Rui Damásio e Editorial Novembro

**Autor:** Rui Damásio

**Coordenação Editorial:** Editorial Novembro, Edições  
Cão Menor

**Conceção e Produção Gráfica:** Editorial Novembro,  
Edições Cão Menor

**Desenho de Capa:** Carolina Chamusqueiro

**1.ª edição:** Outubro de 2019

**Impressão e Acabamento:** VASP DPS

**Depósito legal n.º:** 461532/19

**ISBN:** 978-989-54486-3-0

Reservados todos os direitos

Editorial Novembro

Uma Editora do Grupo de Comunicação Novembro

Rua S. João de Deus, n.º 116, 2.º andar, Sala 3,

4760-162 Vila Nova de Famalicão

[www.novembro.pt](http://www.novembro.pt)

telf. 252 861 330

Com o apoio de:



*Rui Damásio*

Vencedor do PRÉMIO LITERÁRIO GERMANO SILVA 2019  
ROTARY CLUB DE PENAFIEL



*“Às mulheres da minha vida  
Avó, Mãe, Irmã”*

1937

Na sala de aulas da escola de Montes Verdes, para fins oficiais denominada de Posto de Ensino, sofria-se com os dias anormalmente quentes do fim de outubro. O outono, geralmente frio e austero na aldeia e em toda a região envolvente, tardava em impor-se neste ano, e um sol doentio e desajustado brindava a localidade há mais de um mês, de forma ininterrupta. O clima ameno, agora prolongado para lá do suposto, muito desesperava os agricultores locais, mormente habituados à rigidez das estações, à sequência metódica do dia e da noite, à chegada em tempo certo do frio e do estio. Não era por menos que, em debates de carácter descritivo, recaía sobre a região montanhosa de Montes Verdes a velha máxima “nove meses de inverno, três de inferno”, provérbio desde sempre confirmado mas agora despropositado, não estivesse à vista de todos a desadequada exibição climatérica. Anunciava-se já entre as gentes, que após aquela onda de calor anormal, outros desequilíbrios meteorológicos se seguiriam, trazendo-lhes um inverno ameno e uma primavera demasiado fria que poria em causa as colheitas de que dependiam para viver. Com esta e com outras preocupações se ocupava o povo habituado desde sempre a viver em desassossego, não se pense que chegando ordeiras as estações, estariam os aldeões menos aflitos com outras questões de igual relevância.

A professora da aldeia, mulher frágil e raquítica, de seu nome Isaura Lopes, não se deixava convencer de que não havia ainda necessidade de recorrer a fontes térmicas artificiais para aquecer a sala de aulas da escola da aldeia, tendo acendido a braseira es-

trategicamente colocada sob a sua secretária, como sempre fazia religiosamente ano após ano, mal o calendário anunciara a chegada do mês de outubro. Contra esta decisão, de pouco serviam os débeis protestos dos alunos submetidos à tortura calorífera e cuja opinião, mesmo que escutada, pouco peso tinha nas decisões da professora Isaura. De bom grado receberiam uma corrente de ar inocente, transpondo as janelas laterais, para disfarçar o abafamento vivido na sala, mas a abertura das mesmas fora há muito proibida sob a escusa de se impedir que fontes exteriores desconcentrassem as crianças. Em boa verdade, as janelas da sala de aula instalada no andar térreo do casarão da aldeia, abriam-se diretamente para uma rua movimentada e onde as possíveis distrações eram múltiplas e de ocorrência contínua. Todas as manhãs, a senhora professora Isaura aparecia na divisão escolar enrolada no seu xaile tingido a verde e abeirava-se, ligeira, da fonte de calor, descalçando os sapatos de pano e colocando os pequenos pés sobre o rebordo da braseira, suspirando de alívio. Estes gestos, repetidos de forma maquinal, muito surpreendiam os alunos, diários observadores, que não entendiam, apesar de todas as teorias formuladas, como podia aquela mulher tão rígida e implacável na correção dos seus trabalhos e na aplicação de castigos, mostrar-se tão débil e friorenta quando o mundo à sua volta crestava. Esta questões eram debatidas em segredo, e as queixas tinham cessado após o episódio de agressão a que Mário das Eiras fora sujeito, agraciado com um pesado livro em cheio na cara após ter bufado ruidosamente enquanto limpava o suor da testa numa tarde de particular abafo. A partir dessa ocasião, as crianças suportavam o calor em silêncio, amaldiçoando secretamente a mulher e o cheiro desagradável com que os brindava sempre que descalçava os sapatos e estendia os pés magros, sempre envoltos em meias de lã grossa, para os aquecer sobre a braseira. Manter o bortalho sempre acesso era uma preocupação de fulcral importância. Uma recarga de carvão trabalhava eficazmente durante três dias, sem necessidade de substituição. No dia em que Isaura chegava à

escola e encontrava o seu utensílio com temperaturas desapropriadas às suas necessidades fisiológicas, logo encarregava algum aluno de correr a casa buscar mais tição. O momento de breve liberdade era do agrado dos enviados, assim podendo correr pelas ruas da aldeia, gritando para casa as exigências da professora. O pedido era, regra geral, recebido com raiva e obscenidades proferidas pelo familiar que o escutava, sendo normalmente a professora acusada de malvez e proveito da pobreza alheia. Apesar disso, volvidos os desabafos, nunca nenhum aluno regressava à escola sem um pequeno balde cheio de brasas quentes, não houvesse entre a população um respeito incondicional pela professora e uma obrigação moral que os forçava a atender as suas necessidades com brevidade e sem desnecessárias discussões. Isaura Lopes era a pessoa mais instruída da aldeia, não havendo quem ousasse opor-se à sua vontade ou opinião sob pena de ser acusado de impedir o progresso e o ensinamento dos petizes de Montes Verdes. Além disso, ninguém ariscava irritar a professora com receio de ver o seu filho ou parente perder o ano, causa de enormes vergonhas para o nome da família que recebia no seu seio tal ocorrência. Assim, quer se tratasse de um pedido de carvão para acalmar o frio disfuncional do corpo da mulher ou de qualquer outra exigência mais ou menos inusitada, nunca a professora Isaura de se via sem resposta.

Apesar da devoção forçada, ninguém gostava realmente da professora. Criada, como todos eles, em Montes Verdes, Isaura tivera a sorte de nascer no seio de uma família considerada rica e poderosa para os padrões locais, o que lhe garantiu acesso a conhecimentos num tempo em que, por ali, poucos eram os que sabiam ler ou escrever. Criada sob restrita proteção parental, nunca fora vista a trabalhar no campo. A sua família não era grande e do ventre da sua mãe apenas nascera, após algumas tentativas infrutíferas, ela e um pequeno menino enfermo que acabou por falecer poucos dias após o parto. Assim, a mãe apegara-se a ela com tal fervor que nunca permitira que se esforçasse minimamente ou que desempenhasse

qualquer função relevante na lide doméstica. O pai, mais assertivo, rejeitava a redoma protetora que envolvia a filha e preferiria uma descendente trabalhadora e motivada a uma franzina e delicada como a que lhe calhara na sorte. Apesar disso, perante o apego manifestado pela esposa, aprendera a aceitar as limitações físicas da criança e a idealizar para ela um futuro menos duro que o campo, vendo-se obrigado a pagar jeiras a homens e mulheres da aldeia para, em tempos de trabalhos agrícolas, colmatar a falta de auxílio da filha e da esposa, igualmente pouco dada a esforços físicos. Neste contexto cresceu Isaura Lopes, uma pálida e fraca criança, sumida e esguia quando comparada com outras de igual geração, por sua vez sujeitas a maiores e mais rígidas privações. Raramente era vista a brincar, sozinha ou com outros catraios, e as suas ocupações favoritas eram as que pouco lhe exigissem do corpo enfermiço, sempre afadigado. A garotada odiava-a, e nas poucas vezes em que se atrevia abandonar a proteção caseira e a envolver-se em brincadeiras com os demais, era prontamente insultada e repudiada por não conseguir acompanhar o ritmo das brincadeiras e por se queixar de cada toque mais forte ou empurrão não premeditado. De resto, aos filhos de Montes Verdes raramente folgavam o corpo e passavam a maior parte do tempo ajudando os pais nas atividades do campo. Isaura, por sua vez, ocupava os dias maioritariamente só ou na companhia da mãe, que grande estima lhe tinha.

Quando a menina floresceu, sua mãe não perdeu tempo e procurou estimulá-la para que arranjasse um bom partido e casasse prontamente. Esta ideia foi categoricamente repudiada pela pequena, a quem todos os rapazes da aldeia lhe pareciam brutos, animalescos e desadequados à sua fragilidade conservadora. Além disso, todos os potenciais candidatos da sua idade provinham de famílias dependentes do campo para viver e ela não se via disposta a abandonar a sua rotina pacata e livre de encargos para se lançar numa vida de trabalhos, escrava da agra e sob a alçada de um homem, em regra o destino de todas as mulheres que conhecia. Assim, num plano

de mestre e de pura teatralidade, numa noite chuvosa de inverno, Isaura chorou fatidicamente na presença dos pais, afirmando, quando questionada sobre a causa de tal dor, que embora fosse sua vontade casar-se e constituir a sua própria família num futuro breve, como de resto convinha a qualquer moça em idade casadoira, não se via capaz de abandonar a pobre mãe à sua sorte, sozinha naquela casa enorme, enquanto o pai saía para trabalhar no campo com os empregados ou se ausentava por vários dias para tratar de negócios na vila. Como tal, abria mão do seu futuro matrimonial para tomar conta da mãe e da casa até ao dia em que os pais falecessem, mesmo que para tal tivesse de adiar por tempo indeterminado o seu sonho de contrair matrimónio. O plano correu de feição, e não só os pais ficaram emocionadíssimos com a atitude sacrificial da filha, que abandonava o sonho de esposar para tomar conta deles, como ainda lhe atribuíram grandes responsabilidades em casa, tomando ela as rédeas de todas as tarefas domésticas e subjugando os pareceres da mãe a um mero teor opinativo. Deixaram-na ainda receber em casa uma pequena da aldeia com a nobre função de lhe aquecer os pés nas noites frias de inverno, já que não teria para breve um homem para desempenhar essa e outras funções que a vida conjugal lhe garantiria. Serviam estas pequenas condiscípulas como companhia e proteção das respetivas acompanhadas, dissuadindo possíveis tentativas de rapazolas que, num ímpeto de desejo desmedido, tentassem fazer uma visita noturna às moças alvo do seu apreço, quer a visita fosse combinada ou não. Não teria estas funções a tímida menina que Isaura acolhera, já se sabendo que nenhum rapaz da aldeia se atreveria jamais a entrar à socapa no casarão para visitar a herdeira, nem tampouco esta permitiria que um qualquer ordinário rastejasse para a sua cama em busca em algo mais que desaprovação e gritos de horror.

Isaura tornou-se mulher rapidamente, feliz com o seu novo poder em casa e livre da obrigação de casar com quem não queria. Ainda assim, mesmo levando uma vida recatada, era malvista e mal-

falada por todos na aldeia, onde era considerada enferma e inútil e onde lhe chamavam “a burguesa”, denominação que sempre era acompanhada pela troca de olhares maliciosos quando era referida. Quando saía à rua e se cruzava com alguém, embora fosse cumprimentada com toda a educação, logo era perseguida por risinhos e trocas de olhares cúmplices entre os conterrâneos que a observavam. Isaura pouco se importava com a opinião alheia e seguia com a sua vida boémia, tomando as rédeas da casa e dando ordens de forma altiva à mulher que lá ia cozinhar e limpar amiúde. Nos tempos livres, dedicava-se a outras atividades do seu interesse como fazer renda ou tricotar alguma peça de roupa para adicionar ao seu armário, de resto já muito mais apetrechado que o da maioria.

Se toda a aldeia era crítica perante a vida que a rapariga levava, pior o eram os familiares próximos. O pai de Isaura tinha uma irmã mais nova, Maria da Luz, que casara jovem com Manuel dos Paços, um rapaz trabalhador tanto no campo como entre os lençóis e que rapidamente lhe fez seis filhos, todos rapazes robustos e empenhados. Ao contrário do irmão, Maria da Luz sempre obrigara todos os filhos, o mais jovem com idade próxima à de Isaura, a trabalhar no campo com os pais e a habituarem-se às dificuldades da vida de uma família que não tivera o sucesso da do irmão. Trabalhavam demais e pouco conseguiam, mesmo com tantas mãos e tanto esforço, e isso criava uma raiva muda no coração de Maria da Luz que invejava, secretamente, a vida da cunhada e da sobrinha, livres de encargos como os dela, trabalhando de sol a sol desde pequena e sem acesso aos luxos de que estas dispunham. O contacto entre familiares era raro e resumia-se às poucas ocasiões em que o pai de Isaura convocava a família para jantar em sua casa, convites quase sempre recusados e só aceites quando se tratasse de alguma refeição após um dia de trabalho em que a família de Maria tivesse ajudado o irmão nalguma atividade agrícola específica, sendo assim uma espécie de pagamento. Motivos à parte, em todas estas ocasiões era palpável a tensão entre as mulheres da família, com

a senhora do casarão a lançar olhares ilustres para Maria da Luz e recebendo, em troca, expressões de pura inveja e crítica. Logo que Isaura passou a ter algum poder dentro de casa, os pedidos de ajuda à família e os jantares comuns passaram a ser esporádicos e depois inexistentes. À parte da irmã, o pai de Isaura não conhecia mais família em Montes Verdes ou na região circundante. O único parente conhecido era o seu pai que, segundo se contava, tinha partido para o Brasil ainda o pai de Isaura era um jovem rapaz, praticamente abandonando os filhos e deixando a esposa atarefada para manter as duas crianças. Fora-lhes prometido que, tão breve quanto possível, receberiam dinheiro em abundância e talvez até pudessem apanhar um barco para o outro lado do oceano. Promessas vãs, já que do dinheiro nem sombra. Os anos foram passando sem que o homem voltasse a aparecer na aldeia e as poucas cartas que iam chegando, cada vez mais espaçadas, prometiam muito e contavam dificuldades e contratempos que o homem sofria nas terras distantes para justificar a ausência de ajudas. O pai de Isaura nunca lhe perdoara o abandono e praticamente nunca se falava do avô no casarão. Fora a mãe que lhe contara, um pouco em segredo, que quando se casaram, ainda recebiam cartas esporádicas do avô, mas que estas nunca eram abertas. A sua avó morrera poucos anos após o casamento dos pais, desgostosa por nunca mais ter visto o marido, e o pai de Isaura proibiu que se falasse do seu progenitor dentro de casa a partir daquele dia. A mãe de Isaura desconfiava que a sua cunhada ainda recebia, por vezes, cartas do pai, mas com eles a troca de correspondência cessara há mais de dez anos.

Isaura tinha catorze anos quando o silêncio do seu avô desconhecido cessou. Festejara o seu aniversário há cerca de dois meses quando o Padre da aldeia, vindo da vila, lhes bateu à porta num fim de tarde outonal. Isaura recebera-o e convidara-o a entrar, oferecendo-lhe algo para beber e tentando deixá-lo confortável como as regras da boa educação cristã exigiam. No entanto, o embrulho que este trazia nos braços despertara-lhe de imediato a atenção